

UM OLHAR ÉTICO E POLÍTICO SOBRE A COMUNICAÇÃO

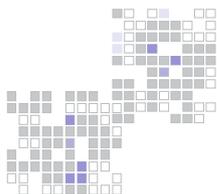
AN ETHICAL AND POLITICAL LOOK ABOUT COMMUNICATION

UNA MIRADA ÉTICA Y POLITICA SOBRE LA COMUNICACIÓN

■ Muniz Sodré de Araújo Cabral

Possui graduação em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 1964), mestrado em Sociologia da Informação e Comunicação pela Université de Paris IV (Sorbonne, 1967) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1978). É também livre-docente em Comunicação pela UFRJ. Trabalhou como jornalista na extinta revista Manchete e dirigiu a TVE (Televisão Educativa do Rio de Janeiro, hoje TV Brasil). Entre 2005 a 2011 foi presidente da Biblioteca Nacional, órgão vinculado ao Ministério da Cultura. Possui cerca de 30 livros publicados nas áreas de Comunicação e Cultura, além de outras publicações (contos, romances, ficções, artigos científicos e jornalísticos). Atualmente é Professor Emérito da UFRJ.

■ E-mail: sodremuniz@hotmail.com.



■ Por Eduardo Yuji Yamamoto

Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Possui graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e especialização (lato sensu) em Comunicação Popular e Comunitária (UEL). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista (FAAC/UNESP). Atua nos seguintes temas: comunicação comunitária (epistemologia), teorias da comunicação e teoria da imagem.

Muniz Sodré é uma daquelas poucas figuras do campo que dispensa apresentação. Sua rica produção teórica fala por ele – obras que marcaram época e ajudaram a consolidar, no Brasil, um território cognitivo chamado Comunicação (ou Ciência da Comunicação).

Dessas obras podemos citar: “O monopólio da fala” (1982), “A comunicação do grotesco” (1983), “A verdade seduzida” (1983), “A máquina de Narciso” (1984), “O social irradiado” (1992), “Claros e escuros” (1999); “Multiculturalismo” (1999), “Antropológica do espelho” (2002), “As estratégias sensíveis” (2006), “A narração do fato” (2009), entre outras.

Sodré também se dedicou à literatura, escreveu “Santugri” (1988), “O bicho que chegou a Feira” (1991), “Bola da vez” (1993), “Rio, Rio” (1995), *A lei do santo: contos* (2000). Há ainda publicações em outros idiomas: “La citta e il tempi” (1998), “Reinventando la

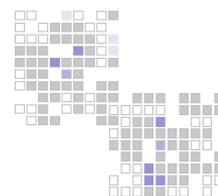
cultura” (1998), “Telenovela Rio” (2008), esse último escrito em parceria com Raquel Paiva.

Na entrevista abaixo, Sodré fala das imbricações da literatura com a vida, da necessidade de uma reinvenção do jornalismo, além da comunicação enquanto ciência.

A Bahia está sempre presente em seu pensamento. Em que medida a riqueza da cosmologia baiana, ou mesmo a sua infância em São Gonçalo dos Campos, influenciou em sua carreira como jornalista, escritor e pesquisador de Comunicação?

Eu saí de São Gonçalo dos Campos muito cedo, com cinco anos, e fui para Feira de Santana, onde passei a minha puberdade. São duas cidades extremamente importantes para mim. Eu gosto de São Gonçalo dos Campos e, em Feira de Santana, a Câmara de Vereadores até me deu o título de cidadão, mas eu nunca fui receber. Se algum dia tiver

a oportunidade, eu quero receber esse título. No interior da Bahia, Feira de Santana era chamada de “a boca do sertão”, porque alimentava o sertão, a feira tomava a cidade inteira. Quando eu era menino, aquilo era uma coisa mítica para mim: tinha o contador de histórias, o camelô, as aberrações que vinham do Nordeste. Eu tenho um livro que se chama “O bicho que chegou a Feira”, um romance rapsódico, de colagens de situações sobre algo que realmente ocorreu na cidade depois do Golpe Militar. Soube que há duas teses sobre este romance na Faculdade de Letras de Feira – que, aliás, nunca li, nunca me mandaram – e agora um grupo, que recebeu um recurso do Estado, irá quadrinizar o livro. Feira, portanto, foi uma cidade que marcou muito a minha infância e me influenciou como escritor de ficção. Era uma cidade violenta, mas ali eu vi o sertão chegando. Em Feira



Eu tomava aula com Baudrillard em Nanterre [Universidade de Paris X];
com Eliseo Verón na École de Hautes Études; ia assistir
Foucault no Collège de France.

de Santana eu vi os concertos de Luiz Gonzaga no Campo do Gado e frequentava as matinês do cinema Íris.

Saindo da Bahia e indo para a França, onde você teve uma experiência no campo da pesquisa, o diálogo com Jean Baudrillard, Jean-Pierre Jeudy e outros importantes pensadores tiveram uma influência decisiva na sua produção teórica ou literária? Que contribuição destes autores você destacaria?

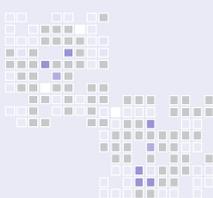
Eu estive na França em dois momentos. Na primeira vez, eu frequentava o CECMAS, Centro de Estudos de Comunicação de Massa. Era magnífico. Eu tinha aulas com Roland Barthes, Georges Friedmann, Olivier Burgelin, Edgar Morin. Eles se encontravam, discutiam e eu assistia. Roland Barthes foi uma figura muito importante para mim. A segunda vez, muitos anos depois, eu voltei para França já casado e com as minhas filhas. Foi aí que eu conheci Baudrillard, que na época fazia um pós-doutorado. Eu tomava aula com Baudrillard

em Nanterre [Universidade de Paris X]; com Eliseo Verón na École de Hautes Études; ia assistir Foucault no Collège de France. Essa época foi mais proveitosa, ainda mais porque fiquei amigo de Baudrillard. A gente almoçava e jantava juntos, um frequentava a casa do outro, ele me passava livros. Quando me mudei para o Rio, a gente continuou se falando, trocávamos cartas, eu tenho umas 30 ou 40 cartas dele. Ou seja, iniciou-se uma amizade que foi até o fim da vida. Eu gostava muito dele, fiquei muito triste quando ele morreu. De Baudrillard eu aproveitei muitas coisas. Ele não tem, exatamente, um sistema de pensamento, mas tem um método que eu chamo de abdução, um método de invenção, de redescoberta que é minha escolha metodológica para a Comunicação. Também por Baudrillard, eu conheci Michel Maffesoli e Jean-Pierre Jeudy, que hoje são muito amigos meus. E, por meio deles [Maffesoli e Jeudy], outras pessoas, como Patrick Watier, de Strasbourg [Université], Raymond Ledrut, um sociólogo

muito bom de Toulouse. Desse círculo de amizades eu pude aproveitar muito. E Baudrillard aproveitava também dos amigos. Ele era uma pessoa que escutava uma ideia e fazia daquilo uma coisa melhor. Muitas coisas que estão no “Cool Memories II” são minhas, de conversas que tive com ele. Inclusive há uma citação disso ao longo do livro.

Você participou da fundação disso que hoje, no Brasil, se tem chamado campo da Comunicação, seus livros inspiraram muitos estudos nos anos 70, 80, 90 e até hoje. Como participante desse movimento, como você avalia esses 50 anos de pesquisa?

Eu não sou exatamente um dos pais fundadores, um *founding father* do campo. Há muita gente importante que me precedeu como Luis Beltrão, Juan Diaz Bordenave, José Marques de Melo. Mas aqui no Rio de Janeiro, sim. Eu fui um dos fundadores do curso de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ] e também da Universidade Federal Fluminense [UFF].



A sociedade democrática é uma sociedade aberta, de renovação e redefinição contínua porque pressupõe o seu próprio questionamento, logo, o seu aperfeiçoamento e transformação.

Aqui na Escola de Comunicação da UFRJ [ECO], o curso de Comunicação substituiu o antigo curso de Jornalismo. José Carlos Lisboa, que foi o fundador, me convidou. Na época eu ainda era jornalista e tinha acabado de voltar da França onde fiz o mestrado em Sociologia da Informação. Mas ele convidou também um grupo de intelectuais do Rio de Janeiro: Chaim Katz, Luiz Costa Lima, Eduardo Portela, Emmanuel Carneiro Leão. [José] Simeão Leal, que trouxe o curso para cá [Praia Vermelha], uma figura extraordinária, de grande importância cultural na cidade. Os primeiros currículos foram organizados por mim, mas não sabíamos muito bem do que estávamos falando quando dizíamos “Comunicação”. Em relação a estes 50 anos de pesquisa, eu ainda fico muito na “sede”, a expressão é francesa *dans le soif*, para falar da Comunicação como campo científico. Há uma dispersão cognitiva, assim como houve na Antropologia no início, que era pluridisciplinar e muito

dispersiva. Mas isso pode até ser uma virtude do campo.

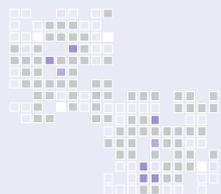
Podemos dizer que hoje a Comunicação é um campo científico consolidado? Há ainda muita desconfiança?

Eu sou um pouco cético em afirmar que a Comunicação é um campo consolidado. É um campo científico de muita produtividade, principalmente em função dos programas de pós-graduação, mestrado e doutorado. É um campo que cresceu muito aqui no Brasil e na América Latina de uma forma geral, mas se pensa muito pouco sobre o que é comunicação, e isso por razões éticas e políticas. Há certo pragmatismo no campo. No fundo, pouco importa saber o que é a comunicação. O pragmatismo pergunta: qual o uso que eu faço desse par comunicação e informação? E desse uso você pode escrever livros, montar sistemas. O Manuel Castells, por exemplo, escreveu “A Era da Informação”, um livro importante, mas em nenhum instante ele deixa claro o que é informação. Ele dá como

um suposto, um pequeno pé de página, e é confuso a definição sobre o que, realmente, é informação.

Então, para o campo, não é tão importante definir o que é comunicação?

É a atitude pragmatista que diz que não é. Eu acho importante definir o que é comunicação para saber se ela existe fora daqueles parâmetros em que trabalham as empresas, os grandes conglomerados e as corporações. Ora, isso não é democrático. A sociedade democrática é uma sociedade aberta, de renovação e redefinição contínua porque pressupõe o seu próprio questionamento, logo, o seu aperfeiçoamento e transformação. No que diz respeito à comunicação, é preciso saber o que ela é para saber se há outros parâmetros para além desses. Portanto, pensar uma ciência da comunicação – e isso implica pensar ontologicamente o que é comunicação, questionar, epistemologicamente, se ela é uma ciência – não é uma questão de filosofia, é uma questão



Lévi-Strauss valorizava muito a Comunicação como ciência possível, mas foi um fogo que foi se apagando aos poucos e ficaram os estudos de comunicação muito “sociologuês”, tipo Dominique Wolton.

política também, uma questão ético-política. Eu vejo sempre a filosofia como uma prática ético-política.

Sobre a produção teórica em Comunicação na América Latina, no começo, quando se trabalhava com a teoria da dependência, com a teoria crítica ou o conceito de ideologia, falava-se de uma “identidade” ou “escola” latino-americana de estudos comunicacionais. Você concorda com essa ideia? Você acha que antes e hoje ainda existe uma “identidade” ou “escola” latino-americana?

Identidade é uma palavra um pouco forte para falar de uma escola. Escola é uma espécie de colégio invisível onde as pessoas realizam trocas. No passado, na verdade, existia uma identificação, não de todos, mas da maioria dos professores da América Latina com o desenvolvimentismo, as perspectivas de resgate social, de esclarecimento dos públicos e das massas. E isso existia em articulação com alguns sociólogos norte-americanos da comunicação

que eram lidos aqui, como Wilbur Schramm e Lucian Pye. Não era o meu setor. Se pudéssemos falar de uma escola, voltar-se para o campo, ajudar a promover a comunicação e o desenvolvimento, seria entre alguns pesquisadores como Juan Diaz Bordenave e José Marques de Melo. Mas apenas em um determinado momento. Depois essa especificidade do começo, que foi muito alimentada pela Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina [CIESPAL], foi se perdendo. Hoje, a retomada disso no espaço urbano são os estudos da comunicação comunitária. Mas não creio que a gente possa falar de uma escola latino-americana ou de uma escola brasileira.

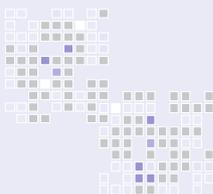
Como você avalia a recepção estrangeira das pesquisas em Comunicação realizadas aqui no Brasil?

Não há. Pode ter um ou outro livro traduzido aqui ou ali. Quando os autores são amigos, aí se juntam e publicam, mas não existe esse interesse. Na França,

hoje, a Comunicação perdeu a grande potência crítica que tinha nos anos 60 e 70. [Claude] Lévi-Strauss valorizava muito a Comunicação como ciência possível, mas foi um fogo que foi se apagando aos poucos e ficaram os estudos de comunicação muito “sociologuês”, tipo Dominique Wolton. Há outros como Lucien Sfez, mas eles não leem os brasileiros.

Em um artigo recente – “Comunicação, um campo em apuros teóricos” –, você afirma que os estudos iniciais de comunicação surgiram a partir da influência norte-americana (os efeitos dos meios de comunicação de massa sobre a população) e os ensaios europeus. Desse tempo para cá, houve alguma tentativa de elaboração teórica autóctone e independente? Uma teoria da comunicação que fosse adequada às nossas demandas sociais?

Há tentativas, mas eu acho que ainda não se configurou como produção autóctone. Há tentativas do Ciro Marcondes [Filho] quando ele discute com filósofos estrangeiros, mas não



A internet é mais atraente porque a televisão não pegava o adolescente, pegava só a criança e os mais velhos. A internet pega todo mundo. É uma turma feliz na internet, todos se comunicando.

tenho certeza se isso é uma demanda para o campo. Mas de qualquer maneira, o Ciro é uma pessoa de qualidade, que tem uma formação apreciada bastante sólida, e ele tem colocado bastante empenho nisso. Há também o José Luiz Braga, com quem o Ciro tem debatido, e a professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes que trabalha a questão da metodologia como um tópico epistemológico. Fora essas pessoas, eu agora estou investindo nesse assunto, com artigos, em cursos na Universidade Estadual do Rio de Janeiro [UERJ], possivelmente aqui [ECO/UFRJ] no próximo semestre, onde eu vou tentar, efetivamente, dizer o que é comunicação, o campo científico da Comunicação. Eu já havia dito da comunicação sobre a impossibilidade de ser, mas não disse o que é completamente. Hoje eu tenho uma ideia razoavelmente clara do assunto.

Em “A verdade seduzida”, quando você discutia a questão da cultura, havia essa preocupação em aproximar o tema da

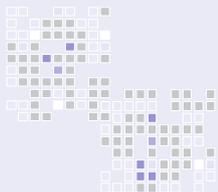
comunicação com as demandas sociais do país?

Sim, porque a cultura estava no centro das preocupações da comunicação por causa da indústria cultural e dos prognósticos frankfurtianos da decadência da cultura. Com “A verdade seduzida” eu procurei ver outra maneira de conceber a cultura, a partir da negritude baiana. Eu tentei, inclusive, propor outro conceito de cultura. Eu estava plenamente nos domínios da comunicação. Se prestar atenção, essa temática é comunicacional, a temática do que é cultura, como ela se produz.

A televisão foi um objeto a que você dedicou muita atenção. Você acredita que hoje ela perdeu espaço na academia para a internet? Está havendo uma desatenção para com os fenômenos televisivos?

Não, eu acho que as pessoas deixaram de ficar analisando programas de televisão: análise semiótica de programa ou análise de recepção. Isso perdeu fôlego. Mas a televisão continua

sendo um *medium* importante. É um *medium* que pode ser levado para a *internet* e ele vai continuar sendo televisão. É que a *internet* é muita coisa ao mesmo tempo: ela é arquivo para consulta, pode-se escrever, fazer ficção, mobilização, redes sociais. É um território caótico, uma coisa que vai se juntando com outras. Por enquanto, a *internet* está no computador, mas ela também pode ir para a tela da televisão. Essa transição depende de decisão industrial. A televisão continua sendo importante, mas a promessa que ela tinha de ampliar o espaço público, de fundá-lo como *broadcast* foi substituída pelo *podcast*. A *internet* é mais atraente porque a televisão não pegava o adolescente, pegava só a criança e os mais velhos. A *internet* pega todo mundo. É uma turma feliz na *internet*, todos se comunicando. Os vasos comunicantes que a televisão não tinha, nem podia prometer, foram se alojando na *internet*. No entanto, para uma ciência da Comunicação, a televisão é tão importante quanto à



Eu tenho um prazer enorme em fazer literatura.
Tenho cinco livros de ficção, mas não sou reconhecido por isso.
Curiosamente, todos estes livros foram vendidos.

internet. A *internet* é um avatar, ela não é outra comunicação. Operativamente ou tecnicamente ela é, mas, culturalmente ou semioticamente, é a mesma coisa.

Deleuze certa vez disse que a literatura é a saúde da linguagem, da comunicação. Ao longo de sua trajetória podemos perceber uma incursão pelo universo literário. Seria uma tentativa de “salvar a comunicação”? Ou melhor: seria um modo de colocar em prática aquilo que você defendia teoricamente?

Não. Eu concordo com Deleuze: é a saúde da linguagem. Mas é também a minha saúde. Eu tenho um prazer enorme em fazer literatura. Tenho cinco livros de ficção, mas não sou reconhecido por isso. Curiosamente, todos estes livros foram vendidos. E agora, 22 anos depois, há uma segunda edição de “Santugi”, um livro que teve um curso, desde a homenagem em canção de João Bosco a peças de teatro. Ricardo Ramos fez um artigo entusiasta desse livro [Santugri], destacando um recurso que eu gosto muito, a

“oratura”, ou seja, uma escrita que mantém os ritmos tensos e alegres da fala. Há contistas e romancistas que procuram fazer isso, por exemplo, Nei Lopes, que é compositor e sambista. A oratura é uma solução de compromisso entre a escrita e o oral. Não é a gíria, mas é pegar o vernáculo falado e tentar encontrar no texto uma aproximação. Para mim, isso é muito difícil. Agora, eu recomencei um romance policial, mas não tenho tempo para escrevê-lo.

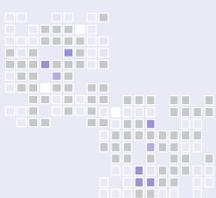
Então tem pretensão de voltar a escrever romances e ficções?

Eu tenho pretensão, intenção, vontade, dever. O próximo que eu quero fazer é um romance policial. Eu já tenho uma noveleta policial “A bola da vez”, que eu chamo de uma dicção carioca dos anos 90. Quero retomar o personagem, que é um detetive negro, e colocá-lo neste romance. Eu até recomencei, mas não fui muito adiante, porque eu preciso de um *time*. Na verdade, eu comecei por acaso. Anos antes, eu havia

escrito umas 15 ou 16 páginas, mas perdi tudo por causa de um vírus em meu computador. Eu fiquei tão desgostoso, porque achei o começo bom e não seria capaz de fazer de novo, que larguei tudo. Aí, de repente, eu estava em casa remexendo alguns papéis, quando caíram na minha frente essas páginas. É que antes de passar para o computador, eu havia datilografado. Eu acrescentei ainda mais algumas páginas e vou escrever assim que tiver tempo.

O jornalismo é outro objeto a que você dedicou especial atenção. Uma frase que você retoma de Russell Baker, de que a imprensa é “uma coisa do passado, uma charrete puxada por cavalo numa via expressa de oito pistas”¹, me pareceu bastante esclarecedora para pensar, atualmente, o jornal e o próprio jornalismo. Com todo esse assédio do mercado, com a circulação rápida da

¹“Surveys showing that more and more young people get their news from television and computers breed a melancholy sense that the press is yesteryear’s thing, a horse-drawn buggy on an eight-lane interstate.” A referência completa consta no final do texto.



Na verdade, as palavras, os discursos, constroem a realidade.
A mídia é um dispositivo de construção da realidade. Ela é um
pressuposto de organização da nova sociedade.

informação, e os vários debates sobre o que é ou não jornalístico, você acha que o jornalismo deve se reinventar ou recuperar a sua identidade republicana?

O jornal tem uma coisa da crônica, em seu modo de produzir, dos ideais de produção que são bons. Então há uma grande dose de esperança, de compreensão do social nessa forma em que o jornal ainda é uma entidade republicana. Eu acho que o jornalismo deve se reinventar, mas sem perder a sua função social que é o de desvelar os abusos do poder, aquilo que chamamos *arcana imperii*, quer dizer, os segredos do mando, ver o que são os desmandos do poder, o que se oculta nos palácios, nas bancadas de lideranças. Não mais um noticiário baseado em rupturas do cotidiano, no *fait divers*, mas deve ser um guia, uma orientação existencial do cotidiano, uma historiografia esclarecida do cotidiano. Hoje, o jornalismo deve ser mais argumentativo do que, talvez, tenha sido no passado. A argumentação é a salvação do jornalismo.

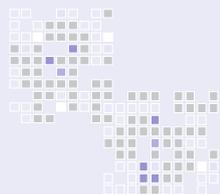
A obra "Antropológica do espelho" foi um marco nos anos 2000 e ainda hoje é uma das grandes referências para se pensar os problemas do campo. Mas o título sempre me pareceu enigmático. No próprio livro há várias passagens em que você ressalta a metáfora do espelho (como o "jogo de espelho" de Jesus Gonzalez Requena). Você quis contemplar a nossa condição de narcisos diante de um veículo que nos adula (simula uma comunicação real) ou a própria sociedade como reflexo da mídia (em termos de imputação de valores morais, conduta, como sugere a hipótese da midiatização)?

Houve um pouco de ambiguidade da palavra espelho. Mas eu estou falando aí que a sociedade faz a mídia, mas é também reflexo dela. Na verdade, as palavras, os discursos, constroem a realidade. A mídia é um dispositivo de construção da realidade. Ela é um pressuposto de organização da nova sociedade. É um pressuposto da comunicação. A mídia não é a comunicação. É isso que eu estou tentando restabelecer

novamente: a comunicação não é troca de palavras, de mensagens. Para mim, comunicar quer dizer organizar, e organizar desde o nível do simbólico, do vinculativo. Há um novo tipo de sociedade que está emergindo, e essa sociedade, como disse Baudrillard, é reflexo da produção, mas da produção do consumo. Ela é reflexo da sociabilidade organizada por esse turbo capitalismo atual, pelo capitalismo financeiro. É um espelho, realmente, um reflexo materializado.

Em seu último livro, "Reinventando a educação", você fala da necessidade de se colocar em prática a diversidade de culturas e saberes em confronto com os ideais do mercado, da sedução tecnológica, do conhecimento técnico. Como a comunicação, como exercício prático e teórico (conhecimento dito praxiológico), pode realizar esta diversidade?

Vamos falar da comunicação são apenas como um conjunto de dispositivos. A diversidade é, principalmente, debruçar-se sobre o outro, deixar



A diversidade é o reconhecimento não do outro genérico, universal, mas da heterotopia, quer dizer, dos lugares do outro.

vir o outro. Os meios de comunicação poderiam ajudar na aproximação, na questão da proximidade. E de que maneira? Tornando visíveis as imagens excluídas da população, para que não apareça apenas como folclore, como resto étnico, resto folclórico ou como singularidade étnica, mas a comunicação como instaurando a possibilidade de debates, discussões e confrontos para que se veja, efetivamente, o que é a diversidade. Ora, a diversidade não é a diferença. A diversidade é uma posição numérica do múltiplo, dos muitos. Se ela é uma posição numérica, essa palavra, “posição”, apela também para um lugar. Então, pode-se ter a diferença apenas como

uma coisa lógica, da filosofia da diferença, por exemplo. A prática ou aplicação da filosofia é a aceitação do outro. Mas a diversidade é outra coisa, a diversidade é aceitar dentro do espaço, dentro dos lugares. A diversidade é o reconhecimento não do outro genérico, universal, mas da heterotopia, quer dizer, dos lugares do outro. Para eu reconhecer os lugares do outro, eu tenho que deixá-los se aproximarem. Eu acho que a televisão, como fabricante de imagens públicas, ainda tem alguma coisa a dizer.

Sobre o campo, uma última questão: o que podemos esperar para os próximos anos?

Para os próximos anos, eu

acho que vêm mais cursos de pós-graduação. Sou muito esperançoso, porque dessa multiplicidade de estudos, mesmo não problematizando epistemologicamente a comunicação, já aparecem coisas muito boas. As escolas, os alunos, os professores propõem coisas novas, embora muitas pessoas não se deem conta. Há muitas teses interessantes. Quando eu critico a falta epistemológica do campo, isso não quer dizer que os trabalhos que surjam daí não embutam, às vezes, definições e posicionamentos sobre comunicação. Eu apenas não vejo uma preocupação sistemática com isso, a não ser nos casos que eu já citei.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Russell. *Goodbye to newspapers?* Disponível em www.nybooks.com/articles/archives/2007/aug/16/goodbye-to-newspapers/?pagination=false. Acesso em: 20 mai. 2013.

SODRÉ, Muniz. Comunicação, um campo em apuros teóricos. *Revista Matrizes*, São Paulo, vol. 5, n. 2, p. 11-27, jan./jun., 2012.

_____. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. *A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Cortez, 1984.

_____. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Santugri. histórias de mandinga e capoeiragem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

_____. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis: Vozes, 2012.